

## ALGUMAS REFLEXÕES DE CESARE SEGRE SOBRE A CRÍTICA LITERÁRIA

Raphael Salomão Khede (UERJ)

**Resumo:** O objetivo desse trabalho é reconstruir parte da reflexão de Cesare Segre sobre o método e a função da crítica literária e, especificamente, sua visão sobre a relação entre texto literário e contexto sociocultural. Segundo a definição de Gian Luigi Beccaria (SEGRE, 2014, p. XII), Cesare Segre, em sua obra crítica, partindo da delicada relação entre a visão objetiva do texto em sua concretude filológica e o trabalho de interpretação e de teoria, soube equilibrar o ato crítico e a reflexão teórica.

**Palavras-chave:** Cesare Segre; crítica literária; teoria da literatura; literatura italiana.

Ao longo de sua extensa trajetória como filólogo românico, por mais de 60 anos, Segre produziu uma variegada obra crítica dedicada a inúmeras questões literárias: da crítica textual à crítica das variantes, da intertextualidade à análise da sintaxe do período nos primeiros autores italianos, da vertente plurilinguística na literatura italiana à análise linguística de textos de Marie de France, Dante, Petrarca, Boccaccio, Shakespeare, Cervantes, Corneille, Gonçalves Dias, Kafka, Beckett, Italo Calvino, García Márquez, entre muitos outros. Ao longo de sua carreira como filólogo, preparou diversas edições críticas de textos italianos e franceses do século XI ao XVI, como, por exemplo, a edição das “obras menores” (*Opere minori*) de Ariosto realizada em 1954. Em 1957 descobriu a fonte principal de um dos textos mais enigmáticos da literatura medieval italiana, o *Ritmo Cassinese*. Em 1960 publicou o *Orlando furioso* de Ariosto, segundo a edição de 1532 com as variantes de 1516 e de 1521, utilizando partes de materiais preparados pelo grande filólogo e parente (tio de seu pai) Santorre Debenedetti. Debenedetti foi, como o próprio Segre afirma (2014, p. LXXV), um verdadeiro mestre que o encaminhou decisivamente para a filologia: “sem perceber, criei uma enorme bagagem, exatamente porque guiado por um grande filólogo, em dialetologia, em história da língua, em crítica de textos antigos, especialmente poéticos”. Já aos 17 anos,

tendo adquirido noções básicas de paleografia, Segre ajudava o tio-avô na transcrição e colação de manuscritos.

Entre as edições críticas, é importante lembrar, sobretudo, a da *Chanson de Roland*, de 1971, que contou com elogios inclusive de Maurice Delbouille. A partir do final dos anos '60 começou a se interessar com mais intensidade pelo debate sobre a crítica contemporânea, de modo que novos conceitos foram sendo incorporados em seu aparato metodológico, centrado na filologia românica e na estilística de Spitzer (assimilada através do linguista Benvenuto Terracini, seu orientador na faculdade de letras em Turim). Através de uma visão que une teoria e leitura do texto, Segre assimila em seu método de análise linguístico-filológico conceitos teóricos provenientes do formalismo, do estruturalismo, da semiótica, da narratologia da escola de Tartu.

No ensaio “Apogeu e eclipse da estilística” (publicado pela primeira vez em 1992), o filólogo aprofunda o que ele chama de intuição da última fase de Spitzer: a individuação dos germes do estruturalismo e da semiótica na crítica estilística. Crítica estilística que, apesar de limitada, segundo Segre, pela tendência ao psicologismo e à ambiguidade do conceito de *écart* estilístico, resulta “o instrumento indispensável para a análise do texto” (2014, p. 1487). Tais limites podem ser superados através das propostas de Jakobson e Bachtin, que enriqueceram o trabalho da estilística ao levar em conta a função social da experiência estética. A necessária integração entre estruturalismo e semiologia já havia sido esclarecida no ensaio “Entre estruturalismo e semiologia” (publicado pela primeira vez em 1969 no livro *I segni e la critica*, traduzido no Brasil), onde Segre afirma a necessidade de se considerar o texto literário como evento situado em um contexto histórico e social mais amplo.

No ensaio “Uma crise anômala” (1993, p. 4), Segre nos informa que na Itália, “com poucas exceções, os representantes da corrente estruturalista-semiológica levaram em consideração os resultados alcançados pela cultura precedente e, sobretudo, mantiveram o relacionamento com a história”. Segundo ele, os “críticos italianos não exaltaram os novos métodos como descobertas revolucionárias e exclusivas, mas simplesmente os consideraram instrumentos úteis para aprofundar a descrição e a compreensão do texto literário” (Idem).

Segundo Jakobson, os textos se definem por suas finalidades, gêneros ou tipos, pelas suas funções (a referencial, a expressiva, a conativa, a poética, a fática, a

metalinguística), funções que são escolhidas pelo emissor com base no argumento, no estilo e nas suas intenções; segundo esta perspectiva, resulta evidente o relacionamento entre texto e contexto e entre texto e sistema de gêneros.

Do ponto de vista metodológico, Segre aplicou à análise do texto literário a tripartição proposta por Morris para a semiótica: são levados em consideração o nível semântico, o sintático e o da pragmática. A análise aprofundada desses três níveis linguísticos permitiu a Segre a lúcida definição da função e das características do ato comunicativo colocado em ação pelo texto literário, comunicação na qual, não devemos esquecer, estão envolvidos o emissor (ou seja, o autor), a mensagem (o texto) e o destinatário (o leitor).

Porém, o texto literário é um produto linguístico atípico, fruto de um circuito da comunicação que se caracteriza por ter um emissor ausente e um destinatário desconhecido.

Na realidade, não é o emissor o juiz dos significados emitidos, e sim a estrutura do texto, da língua e dos vários códigos implicados, próprio porque o texto é uma estrutura linguística posta num sistema semiótico coletivo.

Apesar desta e de outras peculiaridades, o texto é definido por Segre como uma estrutura coerente de enunciados, influenciados pela tradição, pela sociedade e pela língua (2014, p. XIII). Ponto fundamental desse método é a primazia e a autonomia do texto literário que, antes de mais nada, é definido como um fato linguístico que dá conta das relações sintagmáticas (asse da “combinação”, segundo Jakobson, em contraposição ao asse da “seleção” da língua comum), preocupando-se com os efeitos de recorrência, correlação e contraposição. Como afirma Gian Luigi Beccaria, “ideias, proposições filosóficas, casos históricos, julgamentos morais e políticos em literatura são antes de mais nada palavras e devem ser interpretados dentro desses limites” (2014, p. XIV). Nesse sentido, como afirma Segre, “o principal conhecimento que uma obra de arte nos dá é o conhecimento dela mesmo, primeira e irrenunciável condição para os outros conhecimentos”.

Passando especificamente para a relação entre texto e cultura, devemos lembrar, em primeiro lugar, que o texto, segundo a culturologia, é a unidade de base da cultura, seu elemento primário. Segundo essa concepção, podemos considerar como texto um ritual, um quadro, uma composição musical e assim por diante. Segre distingue o texto

escrito, que se caracteriza por sua constituição sintática e sintagmática (ou seja, combinatória) da cultura, que se constitui do ponto de vista semântico e paradigmático, ou seja, através da formação de modelos e de códigos. Do ponto de vista semiótico, a cultura pode ser considerada como uma hierarquia de sistemas particulares, como um conjunto de textos com funções específicas. A cultura é definida por Segre como um sistema coerente de funções e de regras. Trata-se de um conjunto de comportamentos humanos (esfera do prático) e de sistemas de expressão (esfera da comunicação, dentro da qual existem os sistemas antropológico, étnico, político, filosófico, literário etc). Tais sistemas são códigos, “entre os quais o código-língua é o mais apto a interpretar os outros códigos, sendo a língua, entre todos os códigos, o mais potente e versátil” (2014, p. XLV).

É a cultura, afirma Segre, que dá sentido ao mundo (1985, p. 142), dado que o mundo antes de ser nomeado, descrito, interpretado, nada mais é do que caos. O sentido do mundo é “o nosso discurso do mundo, e o discurso do mundo é possível somente dentro de uma coletividade”.

É como se a cultura funcionasse como uma memória coletiva que recolhe e conserva os textos como patrimônio da coletividade. A cultura, nesse sentido, como organização e informação, se contrapõe ao caos, à entropia, ao indizível.

A análise estruturalista delineada por Segre enfatiza, portanto, a importância da cultura e da história para a interpretação literária. De fato, o tempo, como foi ressaltado por Segre, confere às estruturas da mensagem um incremento de significação, porém na realidade não são as estruturas semiológicas da obra que se transformam: “é o observador que chega a perceber novos relacionamentos, novos ângulos visuais, dentro de uma série de pontos de vista que se pode considerar inexaurível”. Por esse motivo, a interpretação realizada pela crítica nunca é definitiva e o crítico, acrescenta Segre, coloca todo o seu esforço para a individuação das estruturas semióticas da obra, concentrando-se em extrair os significados que época, cultura e intuições pessoais podem lhe revelar.

Apesar da dificuldade interpretativa que a enunciação literária nos apresenta, dificuldade devida próprio à historicidade da língua e a sua polissemia, Segre, todavia, chama a atenção para a atemporalidade da compreensão literária, ou seja, para a possibilidade que temos de assimilar o conteúdo de uma frase ou de um breve

enunciado produzidos muitos séculos atrás. Resulta, portanto, imprescindível a prioridade que segundo ele o crítico deve dar à análise linguística, a qual “representa a ferramenta mais eficaz para a compreensão da mensagem literária” (2014, p. 136).

É necessário levarmos em consideração que é impossível se falar, como afirma Segre, “de leis para um acontecimento único e irrepetível, como são as operações constitutivas daquele texto naquele contexto naquele momento” (2014, p. 307), e mesmo que o texto (2014, p. 305):

seja uma sequência de enunciados elusivos (pelo contínuo uso de elipses), ambíguos (daí a persistente necessidade de se “desambiguar”), dispersivos (percursos não lineares logicamente), a análise linguística (basta pensarmos por exemplo na paráfrase) recupera a regularidade temporal e lógica do conteúdo do enunciado; cria-se univocidade onde havia polivalência.

Segundo essa perspectiva, a paráfrase resulta fundamental como método de descrição no primeiro momento da análise do texto literário. As análises formais se apresentam como a chave para compreender, além do que o texto nos comunica, “os processos com os quais ele nos comunica e os processos com os quais conseguimos colher as suas comunicações”.

Num segundo momento, faz-se necessária a análise semiótica, a qual complementa, segundo Segre, a análise da linguagem porque reivindica o objetivo sêmico (ou seja, o semantema), ameaçado de sacrifício pelos outros níveis gramaticais (o fonético e o fonológico, o morfológico, o sintático). A análise semiótica reconstrói a expressão e o significado, as duas faces da comunicação artística. O binômio expressão-conteúdo, segundo Segre, reúne “a história do mundo poético do autor”. O autor fez uma análise da realidade e realizou uma síntese com seu texto, o leitor, por sua vez, para compreender o sentido do texto irá seguir esse mesmo procedimento de análise e de síntese. O emitente enquanto inserido num determinado contexto atua a sua produção a partir de um modelo, assim como o leitor inserido em outro contexto desenvolve a sua análise a partir do texto, ou seja, da língua.

Se o emitente toma os códigos que utiliza e suas próprias motivações, do contexto cultural no qual está inserido, assim como o receptor recorre aos códigos que tem a disposição para interpretar o texto, deve-se constatar que é impossível, mais do que condenável, uma leitura que considere o texto em si colocando o contexto de lado (2014, p. 132). Em outras palavras, a primazia do texto não exclui a necessária atenção

que a crítica deve dedicar ao extratexto. O crítico italiano chamou a atenção, a respeito da discussão sobre o valor semântico do texto literário, para a distinção entre informação e comunicação, indicando com “informação” a comunicação traduzível em língua, e com “comunicação” aquilo que a linguagem verbal não pode traduzir, mas somente sugerir, evocar, aludir. O texto literário participa desses dois níveis. Se recorrermos ao campo semiótico, é rentável o uso da dupla denotação/conotação, onde o conteúdo denotado corresponderia à informação e o conteúdo conotado à comunicação. Segre a esse respeito escreveu que (2014, p. 89):

Enquanto a interpretação dos significados denotados é condicionada quase exclusivamente pelo uso exaltado por parte do emitente e do exato conhecimento (por parte do destinatário) da língua do texto, é em suma de ordem prevalentemente filológica - a interpretação dos conotados, de ordem hermenêutica, é o resultado de hipóteses de trabalho, a formular (não a demonstrar) as quais colabora a intuição (até a inventividade) crítica do leitor.

Para concluir, é importante ressaltar a divergência metodológica destacada por Segre em mais de uma ocasião, entre a crítica italiana, a qual sempre seguiu o método indutivo (de imposição histórica), e, ao contrário, a crítica racionalista francesa de imposição dedutiva. Segre rejeitou o método dedutivo de matriz pós-estruturalista, ao valorizar a imposição histórica e a função comunicativa do texto literário, caracterizado pela polissemia, ambiguidade e riqueza de elementos inconscientes (2014, p. 131). Tal procedimento analítico, ao acreditar na função instrumental da língua, procura colher a maior quantidade possível de conteúdo do texto literário.

Segundo Alberto Conte, são próprio os conceitos de “sociabilidade” e “historicidade” que distanciam o filólogo das propostas mais radicais da crítica francesa, sobretudo do grupo da revista “Tel Quel” e de Barthes (2014, p. 1488):

Segre desconfia daqueles críticos franceses, no período de transição entre estruturalismo e pós-estruturalismo, inclinados a suspender a distinção entre sinal (emitido com a vontade de significar alguma coisa) e sintoma (no qual não há vontade de comunicar), e a considerar o texto não como mensagem a ser interpretada mas como vislumbre ontológico, gesto subversivo ou pretexto para um autônomo exercício da criatividade.

A semiótica italiana estaria mais próxima da russa do que da francesa, ao reconhecer o papel e as responsabilidades éticas do autor e o respeito filológico e histórico pela centralidade do texto. Segre detecta algumas tendências comuns na crítica contemporânea, como a estética da recepção, o desconstrutivismo, a crítica *reader-*

*oriented* e a neo-hermenêutica. Todas elas acabam por transferir ao leitor a total responsabilidade do significado do texto. Baseada em suposições e impressões, a crítica se torna um discurso que parte da obra, a qual representa um simples pretexto. Há início uma rede incontrolada e totalmente afastada do texto de metadiscursos infinitos. O desconstrutivismo, que se ocupa mais do senso que dos significados e de sua interpretação, é definido por Segre como uma espécie (1993, p. 10):

de neosofística que, muito brilhantemente, procura embaralhar todas as hierarquias mentais, de mostrar o intercâmbio entre afirmações, afirmações contrárias e negações, de anular as referências ao mundo e às suas regras fundadoras. Seu real empenho é mais no plano filosófico do que no plano crítico. Não conheço operação desconstrutivista sobre um texto que leve a progressos para a sua compreensão e não penso que os desconstrutivistas se ressintam.

Ao nos lembrar que o objetivo do crítico não é discorrer sobre o texto e sim descrevê-lo, interpreta-lo e, segundo a sua perspectiva histórica, avalia-lo, Segre nos indica um método de análise que se baseia em alternar duas lentes: uma fixa, concentrada sobre o texto, outra móvel para recuperar tudo aquilo que ajude na compreensão do texto, nexos indissolúveis de significante e significado (1993).

## Referências

- BECCARIA, Gian Luigi. “Introduzione” in SEGRE, Cesare. *Opera critica*. Organização de Alberto Conte e Andrea Mirabile. Milão: Mondadori, 2014.
- CONTE, Alberto. “Cronologia” in SEGRE, Cesare. *Opera critica*. Organização de Alberto Conte e Andrea Mirabile. Milão: Mondadori, 2014.
- CONTE, Alberto e MIRABILE, Andrea. “Notizie sui testi” in SEGRE, Cesare. *Opera critica*. Organização de Alberto Conte e Andrea Mirabile. Milão: Mondadori, 2014.
- SEGRE, Cesare. “Apogeo ed eclisse della stilistica” in SEGRE, Cesare. *Opera critica*. Organização de Alberto Conte e Andrea Mirabile. Milão: Mondadori, 2014 [1992].

SEGRE, Cesare. “Fra strutturalismo e semiologia” in SEGRE, Cesare. *Opera critica*. Organização de Alberto Conte e Andrea Mirabile. Milão: Mondadori, 2014 [1969].

SEGRE, Cesare. “Finzione” in SEGRE, Cesare. *Opera critica*. Organização de Alberto Conte e Andrea Mirabile. Milão: Mondadori, 2014 [1979].

SEGRE, Cesare. “Segni, sistemi e modelli culturali nell’interpretazione del testo letterario” in SEGRE, Cesare. *Opera critica*. Organização de Alberto Conte e Andrea Mirabile. Milão: Mondadori, 2014 [1981].

SEGRE, Cesare. “Tema/motivo” in SEGRE, Cesare. *Opera critica*. Organização de Alberto Conte e Andrea Mirabile. Milão: Mondadori, 2014 [1981].

SEGRE, Cesare. “Testo” in SEGRE, Cesare. *Opera critica*. Organização de Alberto Conte e Andrea Mirabile. Milão: Mondadori, 2014 [1981].

SEGRE, Cesare. “Storicizzazione” in SEGRE, Cesare. *Avviamento all’analisi del testo letterario*. Turim: Einaudi, 1985.

SEGRE, Cesare. “Una crisi anomala” in SEGRE, Cesare. *Notizie dalla crisi*. Turim: Einaudi, 1993.